

Revista, Agulha e Colher

SEMANÁRIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcáa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno IX—Num. 14



Anno II

Florianopolis, 25 de Janeiro de 1919

Num. 23

TUDO PASSA...

Pergunto ás vezes, na floresta, ao vento:

—Aonde, aonde vais correndo assim?

E elle me responde em seu lamento:

—Aonde vou, eu não sei, vou ao meu fim.

Para onde? Para onde vais tu, innocente creança, joia de uma terna mãe? tu, que fazes consistir a tua vida innocente e bella nos brincos infantis?

Para onde vais, jovem estudante, sobre os livros debruçado, em busca da sciencia?

E tu, donzella, que te preoccupas em attrahir com o seductor encanto do teu sorriso, para onde vais?

Para onde vais, esposa carinhosa, mãe desvelada?

Para onde vais, pae de familia, engolfado nos negocios temporaes?

Para onde?—Quantos e quantos pelo mundo passam sem se fazerem jamais esta pergunta! E entretanto a experiencia, a cada hora, a cada instante, por toda a parte, lhes mostra que tudo passa...

Para onde vais, creança? Para onde vais, moço, donzella, esposa, pae de familia? Para onde?—Para o fim: para o barro, para a eternidade...

Isso que serves, isso que amas, isso que buscas com afan conservar—isso é o lodo, é o barro, é o que passa!

Aquillo que desprezas, em que não queres crer, talvez, ou que nem pela memoria te passa—isso é a eternidade: a recompensa ou o castigo; isso é o que não passa, porque

Tudo passa nesta vida:
Só do vicio a maldição
E só da virtude o gozo
Nunca, nunca passarão.

Fabiola

Trindade, 8—1—918

ENTRE AMIGAS

Minha sempre lembrada Eunyce.

Affectuosas saudações

Vou realizar hoje uma idéa ha muito tempo ruminada: tenho sempre acompanhado com interesse a evolução da «P., A. e C.», já transformada, graças á intelligencia da denodada e mysteriosa Zenir Alcáa, no bonito jornalzinho que sempre me traz ternos perfumes das auras florianopolitanas, relembrando o feliz passado. Ha muito desejava tambem fazer a minha estréa, sem comtudo resolver-me de vez, pois,

além de conhecer-me incompetente, receava desfallecer, fazendo como outras tantas, entre as quaes a travessa Guilhermina. Depois de dar tratos á imaginação, escolhi o genero epistolar, lembrando-me de convidar-te para te corresponderes commigo. Eis-me, pois, arvorada em «belletrista», sujeita á critica, mais ou menos justa, dos leitores do jornalzinho... Mas... que importa a critica?

Não sabem elles que sou apenas uma principiante?

Pois bem, «agua molle em pedra dura tanto dá até que fura», e tanto hei de eu escrever, que um dia tambem o hei de aprender e... quem sabe lá que boa escriptora não poderei dar, não, Eunyce? A Deus nada é impossivel. Além disto, e é o principal, directa ou indirectamente vou concorrendo para a importantissima obra da Boa Imprensa, nunca assaz encarecida.

Accetas, pois, a proposta, não é, boa e saudosa amiga? Lembrar-me-ás os dias da doce infancia, e falar-me-ás do presente, tão cheio de vida ahi na minha querida terrinha; assim me falando, falarás tambem ás amigas do jornalzinho... E eu... eu não sei... falar-te-ei das impressões... porque aqui não ha novidades: sempre a extensão dos campos, sempre o azul do céu e a luz do sol—bellezas, por certo, da Creação, mas sem os doces encantos do meu paraíso—a minha saudosa Florianopolis.

«Entre amigas» foi o titulo que escolhi para as nossas palestras. Achas bom?—Estou quasi certa de que accitarás a minha proposta, e eu, da minha parte, prometto não seguir o exemplo da inconstante Guilhermina, que tambem nunca mais me escreveu.

Adeus, Eunyce; reparte com as queridas amigas e ex-collegas os abraços que te envia a tua

Celina

ZULEIMA

(Continuação)

Após a leitura desta carta, a jovem, cansada pelo esforço que fizera, cae desanimada sobre as almofadas que lhe serviam de encosto.

Depois de permanecer immovel alguns instantes, leva o retrato aos descorados labios, e, emquanto uma lagrima silenciosa lhe corre pelas magras faces, encerra de novo no cofre o seu precioso thesouro.

Nesse momento a porta da alcova se abre cautelosamente, e, afastando o rico re-

posteiro de velludo côr de ouro, apparece uma senhora de 40 annos, trajando rigoroso lucto. Era D. Guilhermina, mãe de Zuleima e viuva de um grande personagem da marinha. Pé ante pé se approxima da *chaise-longue* e dá um beijo na pallida fronte da filha, que estremece áquelle contacto.

—Trago-te o leite, filhinha; agora não admitto que o rejeites, pois não se trata só de ti, mas tambem do pequeno que em breve ha de nascer.

—Pobre ser, mamãe, que vae ter por berço a orphandade...

—Por que falas assim, minha filha? Tão animosa que eras a principio... e agora, que precisas de energia, vejo que desfalceces!

—Sim, mamãe: quando vivia de esperanças, quando não tinha em perspectiva a horrivel viuvez, tinha coragem de abafar a dôr, agora...

Soluços convulsivos lhe embargaram a voz.

—Por que te dizes viuva, Zuleima? Qual a prova disto?

—Queres provas?! Por que esse silencio de dois mezes, depois daquella carta do tenente Waldo?

—Pela carta do tenente não provas nada: nella elle avisava que Alberto estava ferido mui levemente.

—Sim, é um modo de attenuar o golpe, pois, si elle vive, por que não me escreve?

—Nada affirma que elle não te tenha escripto, pois com essa multidão de vapores a pique, é muito natural um extravio. Mas... deixemos para logo este assumpto, e toma o leite, que está a esfriar.

Zuleima, depois de obedecer, retoma a sua habitual immobilidade. D. Guilhermina contempla-a tristemente e sae, enxugando os olhos.

CAPITULO II

Guilhermina de Menezes, filha unica de um conhecido banqueiro, se havia casado, aos 18 annos, com um coronel da marinha, mais velho que ella 38 annos. Não foi um casamento de amor, mas Guilhermina obedeceu ao pai (pois já não tinha mãe) e consentiu nesse enlaee, fazendo um heroico sacrificio.

Casada com o coronel, foi uma esposa modelo, porém muito infeliz, pois o marido a tratava muito grosseiramente. Durante dois annos sua vida foi um verdadeiro martyrio.

Felizmente Deus lhe concedeu uma filha, para minorar as dôres da sua amargurada existencia. Zuleima crescia em graça e meiguice, e com seus ingenuos dis-

parates de criança fazia rir, ás vezes, o pae, que, insensivel a tudo, estava sempre de horrivel mau humor.

Guilhermina, ficando viuva ainda moça, não quiz casar novamente, para se dar toda inteira á educação da filha. Assim foi. Aos 19 annos era Zuleima uma moça perfeita e se casava com Alberto Bittencourt, brasileiro, filho de alsacianos, naturalizado francez.

Os pais de Alberto, donos de uma importante fabrica, morreram, deixando-o á testa de uma immensa fortuna. Moço, porém bem atilado, Alberto soube fazer prosperar os seus capitaes. Aos 24 annos casava-se com Zuleima, que conhecera numa festa de caridade, na Quinta da Boa Vista. Amavam-se, e eram felizes. Todo entregue a sua felicidade, Alberto não pensava na grande guerra, quando foi sorteado e obrigado a partir para a frente.

Já assistimos á sua partida; vamos, agora, enconral-o em Dakar.

Zanessa

(Continúa)

AS DUAS SURDAS

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS

Amelia, Thomazia, Almerinda, (sobrinha de Amelia e Thomazia), e Guilhermina, creada.

Scenario — Sala em casa de D. Amelia

SCENA I

D. Amelia e Almerinda

ALMERINDA — (pensa um pouco, e depois finge que está triste) Ah! só agora me lembro de uma cousa. Escute, titia: é a Sra. pensa que tia Thomazia ainda terá o mesmo genio alegre, depois dos ultimos soffrimentos?

D. AMELIA — (admirada) Que soffrimentos, menina?

ALMERINDA — (com fingida perturbação) Ah! titia, eu não lhe devia falar nisso... Mas... não faz mal! you dizer: imagine a Sra. que tia Thomazia mandou dizer-me, na sua ultima carta, que está soffrendo dos ouvidos, ficando cada vez peor; porém ella accrescentou que eu não lhe devia contar que está ficando surda, completamente surda!

D. AMELIA — (admirada) E' verdade, Almerinda? Thomazia está surda? Coitada!... Mas nós havemos de falar com ella bem alto, tão alto quanto pudermos, para

FLORES DE SEDA FEITAS Á MÃO



Cravos

Corta-se o setim em pedaços de 4 e 5 centímetros. São precisos 4 pedaços de cada uma das dimensões para se fazer uma flor. Franze-se um dos bordos com pontos invisíveis e recortam-se as pétalas. O centro do cravo é feito com uma das pétalas menores, voltada em espiral, e aureolada á extremidade de um pedaço de arame. Vão-se collocando então as pétalas menores em volta e por ultimo collocam-se as pétalas maiores. Todas as pétalas são amarradas no arame com uma linha bem grossa. As folhas são feitas com tiras enviezadas de surah verde de 2 centímetros de largura, e de comprimento variado e mais fina nas pontas.

Costura-se pelo avesso e de baixo para cima. Depois passa-se a agulha enfiada por dentro da folha para viral-a ao direito.

Põe-se então dentro um arame muito fino e amarra-se junto á flor. (Rev. Fem.)



que ella entenda palavra por palavra, e assim se esqueça do seu infortunio. Como tenho pena della!

ALMERINDA — Sim, titia, falemos muito alto; assim ella se esquecerá de sua infelicidade, ao menos enquanto estiver connosco. (Olhando para o relógio) Ih! já é tempo de ir recebê-la! o trem não tarda!

D. AMELIA — Então anda depressa! e... não te esqueças de falar bem alto! Eu vou acabar de arrumar o seu quarto, e mandarei para cá a Guilhermina com o teu chapéu e as luvas. (Sahindo) Não posso esquecer o que aconteceu á Thomazia! (Sae)

SCENA II

Almerinda só

ALMERINDA — (rindo) O principio foi muito bem! Vou ganhar facilmente o chocolate!... Agora preciso explicar o meu projecto á Guilhermina, para ella não me trahir.

SCENA III

Almerinda e Guilhermina

GUILHERMINA — (entrando) Aqui estão as luvas e o chapéu.

ALMERINDA — Muito obrigada. Escute, Guilhermina: você não gostaria de ganhar um bom pedaço de chocolate?

GUILHERMINA — Então, Senhorita!

ALMERINDA — Pois você pode merecel-o muito facilmente: é só prestar attenção ao que lhe vou dizer, e fazer depois a minha vontade. Escute: tia Amelia prometteu-me uma ou duas lindas caixas de chocolate, si eu inventar uma brincadeira bem engraçada, para festejarmos a chegada

de tia Thomazia, e, si você me ajudar, eu lhe darei metade do chocolate!

GUILHERMINA — Oh! senhorita! eu a ajudarei com muito gosto!.. Que bom! vamos divertir-nos como no anno passado, quando D. Thomazia esteve aqui!

ALMERINDA — Julgo que desta vez nós nos divertiremos ainda mais! pois tive uma idéa excellente! Imagine você que enganei á tia Amelia que tia Thomazia está surda; á tia Thomazia, quando fôr recebê-la. contarei o mesmo de tia Amelia, e então... veremos o effeito da minha brincadeira. Agora o que você deve fazer, Guilhermina, é falar, com as duas, tão alto quanto possível! Entendeu? (Aprompta-se para sahir)

GUILHERMINA — Perfeitamente, senhorita: desejo muito ganhar o chocolate!

SCENA IV

As precedentes e D. Amelia

D. AMELIA — (entrando) Agora é que vaes, menina? Anda depressa, e não te esqueças de falar bem alto! (Vae acompanhando a sobrinha até a porta) Vou agora contar o caso á Guilhermina, para que ella tambem fale bem alto! Até já!

ALMERINDA — Até já, titia! (Sae)

Diario da Filha de Maria

Soffrer um pouco é preferivel a um bem estar continuo

III

E' de um e de outro desses soffrimentos que

PENNA, AGULHA E COLHER

—Publicação semanal—
Assignaturas

Anno 2\$000
Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «É'poca» custa 1\$000.

os santos diziam: *Eu nunca estou melhor do que quando não estou bem.*

Essas cruces de dentro e de fóra são como que balizas plantadas ao longo de nossa jornada, e em cada uma dellas estão escriptas estas palavras: *Por aqui se vaé ao céo.*

IV

E' preciso procurar essas pequenas cruces ? Não; deixemos que o bom Deus o faça.

E' preciso amar essas pequenas cruces ?

Tambem não; basta que as supportemos sem murmurar.

E' permittido fazel-as desaparecer ?

Sim; o bom Deus o permite, para que nós mesmos não sejamos uma cruz para os outros; mas accental-as humilde e affectuosamente seria muito mais santo.

FIM

7) **FREI PEDRO SINZIG**

Ancilla Domini

(D. Hilda Leite Guimarães)

«Sentí muito sinceramente—escreveu-me a illustre poetisa D. Amelia Rodrigues, da Bahia—a grande perda para a imprensa catholica, dessa escriptora tão simples, graciosa, humilde e cheia do espirito religioso! Nós precisamos tanto de quem escreva assim, sem pretensões a effeito nem a glorias literarias, mas ao sabôr da maioria dos leitores, para as môças, para os pequenos!»

«Que perda profunda para o «Centro da Boa Imprensa!»—exclamou, em carta do Rio, um parente de D. Hilda, cavalheiro de grande preparo intellectual.—Que vácuo immenso para o tão limitado circulo do jornalismo catholico brasileiro! Que falta tão grande, emfim, para os que já estavam habituados com aquelles encantadores contos, alegres e galhofeiros uns, sombrios e melancolicos outros, mas todos elles vazados nos principios da mais pura e consoladora moral christan, todos visando apenas um fito, que era o de praticar o bem!»

«Ah! quem substituirá agora *Ancilla Domini*? Qual a mão que se sentirá com fôrças—sob o ponto de vista da dedicacão, da tenacidade, do desinteresse e sobretudo da modestia—qual a mão que se sentirá com fôrças para empunhar de novo essa penna que tanto trabalhou pela nossa santa religião, que tão grandes beneficios fez á familia brasileira, que inundou de alegrias e consolação dos jovens, e que, muitas e muitas

Para fazer da «Penna, Agulha e Colher» um jornal illustrado
(Relaçào de donativos)

Zenir Alcêa	20\$000
Srta. Iracema Aducci	10\$000
Thelma	10\$000
Uma Filha de Maria	5\$000
Outra Filha de Maria	5\$000
Um visitante	1\$000
Somma até 21—1	51\$000

DOMINIOS DA ESPHINGE

SEXO TORNEIO CHARADISTICO
(Janeiro, Fevereiro e Março)

10—11) NOVISSIMAS

Este prefixo não traz fortuna e sim infelicidade—1,2.

Olha como é linda esta planta!—2,2.

Gaúcha

vezes, fez brotar do peito mais endurecido do indifferentes as mais copiosas e sentidas lágrimas!

«Ah! frei Pedro, creia que não é só o seu coração que sangra de dôr, não são sómente as letras catholicas da nossa terra que pranteiam o desaparecimento de *Ancilla Domini*; choram e soluçam tambem sôbre o seu ataúde todas as almas puras e nobres que fazem parte do mundo christão... E si algum lenitivo ou consôlo essas almas podem ainda encontrar, reside elle apenas na certeza absoluta de que o seu espirito está agora desfructando as doçuras do céo, para onde tambem um dia iremos nós, si soubermos imitar com perseverança os edificantes exemplos que ella nos deixou aqui na terra...»

«Acabo de celebrar a santa missa—escreveu-me o dignissimo sr. bispo de Taubaté, D. Epaminondas—por alma da privilegiada escriptora D. Hilda Leite Guimarães. Não conhecia a incomperavel e sympathica *Ancilla Domini*, si não por alguns de seus admiraveis trabalhos; entretanto, a noticia de sua morte arrancou-me lágrimas... Imagino a amargura em que ficaram os corações dos que de perto conheciam as riquezas de seu grande espirito.

«Humanamente falando, para a causa catholica, no Brasil, maxime no momento actual, o seu desaparecimento, tão sentido e lastimavel, é incomprehensivel; mas, aos olhos da fé, tenho a consoladora persuasão de que o bom Deus, que, no dizer de Tertuliano, «converte o sangue dos martyres em semente de christãos», nos consolará do sacrificio de tamanha pêrda, fazendo com que seja ella uma rica sementeira de dedicacões e de novos apóstolos da santa causa, que ella tão brilhantemente defendeu e que continuará a patrocinar no céo...»

Já começam a realisar-se as palavras do exmo. sr. bispo. O exemplo de *Ancilla Domini*, o mysterio que se prendia a sua pessoa, o immenso bem que deixa feito, tudo isso calou profundamente no espirito.